

LITERATURA EM CINEMA, CINEMA EM EDUCAÇÃO



Escute a música do seu coração.

CONCERTO CAMPESTRE

UM FILME DE HENRIQUE DE FREITAS LIMA

Carmem Zeli de Vargas Gil
Henrique de Freitas Lima
Luis Antonio de Assis Brasil
Paula Fogaça Marques
Vanessa Souza Alaniz

**Concerto campestre: literatura em cinema, cinema em
educação / Faculdade Cenecista de Osório - [N.1]
2. ed. (2008).**

ISSN. 1982-4025

**1. História. 2. História do Rio Grande do Sul. 3. Literatura
sul-rio-grandense. 4. Educação: Cinema. I. Faculdade Cenecista de
Osório. II. FACOS. III. Assis Brasil, Luis Antonio.**

CDU: 82

Sumário

Apresentações

Educação é desafio

Carmem Zeli de Vargas Gil

Cinema é equipe

Henrique de Freitas Lima

1 Claquete: por uma pedagogia do cinema

Carmem Zeli de Vargas Gil

Paula Fogaça Marques

Vanessa Souza Alaniz

1.1 Luz, câmera, ação!

1.2 Literatura, Cinema e Educação: possibilidades

2 Inspirações

2.1 Eu e a História

Luiz Antonio de Assis Brasil

2.2 Vinte e quatro fotos por segundo: a produção de *Concerto Campestre*

Henrique de Freitas Lima

Referências

Anexos

Anexo 1: Curiosidades sobre a produção do filme

Anexo 2: Cena 1 do Roteiro Literário do filme *Concerto Campestre*

Anexo 3: Excertos do *Story board* do filme *Concerto Campestre*

Anexo 4: Excertos das obras *Viagens ao Rio Grande do Sul* e *Concerto Campestre*

Anexo 5: Imagens

Anexo 6: Seqüência 7 do *Story board* do filme *Concerto Campestre*



Fotos da Filmagem de *Concerto Campestre*

Apresentação

Educação é desafio

Carmem Zeli de Vargas Gil

*“Cinema é história,
na medida em que aquilo não aconteceu,
aquilo que faz parte do imaginário, é história”.*
Marc Ferro

Esta revista trata das artes do cinema e da educação, entendidas como práticas sociais inscritas na ética e na estética do humano. A educação é arte porque inventa uma vida que nasce como ponto de interrogação; e a educação vai dando elementos para a constituição dessa vida. Cinema é arte quando permite dizer e desdizer o mundo, desafiando a razão com a emoção.

Os desafios nos ajudam a aprender, porque nos colocam diante de situações que, por serem inéditas, não saberíamos enfrentar. Como orientadora da disciplina de Estágio Supervisionado em História no Ensino Médio II, na Faculdade Cenecista de Osório, em 2006, propus aos alunos e alunas um desafio: elaborar estratégias pedagógicas para o ensino médio, pautadas no planejamento de ações que possibilitassem o exercício da busca e da investigação. Assumindo as trilhas invisíveis do aprender (BRANDÃO, 2003), os acadêmicos aceitaram a aventura proposta, acreditando que a aceitação do risco é também condição para o entusiasmo e ousadia.

Os itinerários de aprendizagens foram permeados de dúvidas e angústias que, por vezes, os faziam recuar, reclamar e desejar os planejamentos lineares, fechados e tranquilos, sem os ventos que removem tudo, trocando as coisas de lugar. Mas, sabendo que viver é, por definição, um negócio arriscado, os alunos foram, aos poucos, ressignificando as incertezas e construindo outras dúvidas, a partir das aprendizagens que a experiência proporcionava. Como em todo trabalho realizado com emoção e vida, a segurança se produziu na incerteza dos caminhos.

Um dos resultados desse percurso está materializado nesta revista que tem por base o filme *Concerto Campestre*, dirigido por Henrique de Freitas Lima, que narra a história de um estancieiro charqueador, apaixonado pela música e, levado por esta paixão, capaz de assumir o desafio de criar uma orquestra numa charqueada.



A estratégia pedagógica que toma o filme como recurso, representa uma possibilidade para o estudo da história do Rio Grande do Sul. Trata-se de pensar questões relacionadas à contribuição do negro na sociedade sulina, à estrutura econômica da estância, aos valores de uma sociedade alicerçada no patriarcalismo, ao lugar da mulher nessa sociedade, à religião como a cruz que intercambia a dominação.

Porém, não é só para aprender mais História que o cinema está na escola, mas como fruição estética. O cinema nos faz pensar e sentir a vida e o mundo. Às vezes, saímos de um filme e o filme não sai da gente. Assim, a dimensão formadora do cinema está na possibilidade da fruição estética, uma manifestação artística que além de dar prazer pode nos ajudar a interrogar o mundo e conhecer outros mundos. Questionar o uso de filmes como mero recurso pedagógico é, também, proposta desta revista, pois se vivemos numa sociedade imagética, a educação deve discutir o cinema, proporcionando, assim, um olhar crítico e sensível sobre a realidade.

Os educadores, especialmente de história, convivem hoje com o desafio de romper com as verdades históricas e a noção de fonte única, consubstanciada no documento oficial. Nesse sentido, cinema e literatura se colocam como fontes a serem interrogadas pela história, mas como anuncia Dosse (2001), a grande novidade situa-se na relação do historiador com suas fontes. Ele não busca mais os fatos como realmente aconteceram, mas, ao contrário, torna-se um diretor de cena que recompõe, constrói e desconstrói a realidade ao sabor de suas hipóteses.

Se ensinar história é ajudar o aluno a construir o próprio ponto de vista e, depois, relativizá-lo, por estar em constante mutação, talvez as aproximações entre literatura, cinema e educação se constituam em possibilidades para ensinar uma percepção mais abrangente da condição humana. E, nesta perspectiva, transformar o ensino de história em algo mais desafiador e interessante para os jovens das escolas.

Apresentação

Cinema é equipe

Henrique de Freitas Lima

Quando me propus o desafio de adaptar para o cinema a novela de Luiz Antonio de Assis Brasil *CONCERTO CAMPESTRE*, à qual tive acesso antes mesmo da publicação, acabava de superar outra parada de fôlego ao entregar ao público meu longa-metragem anterior, *LUA DE OUTUBRO*. Se em *LUA* reconstituímos o pampa pós Revolução de 1923, em *CONCERTO* se tratava de recriar o universo do Ciclo do Charque, o pilar sobre o qual se construiu a economia do Cone Sul.

Como todo filme que chega ao público, aqui definido pela soma entre os espectadores ditos “normais” e os especializados integrados pela crítica e formadores de opinião, *LUA* tinha gerado reações diversas. Dentre elas, a de que se tratava de uma obra fechada no universo dos gaúchos. Ainda que a crítica me parecesse injusta, já que a história tem a estrutura dramática das tragédias gregas, passei a procurar um tema para o próximo filme que gerasse um apelo mais universal, sempre a partir de um ponto de vista regional na melhor acepção da palavra. Esta aspiração foi atendida na primeira leitura de *CONCERTO CAMPESTRE*.

A fantástica história de um estancieiro e charqueador que descobre a música por dois miseráveis índios guaranis e por ela se apaixona a ponto de mudar sua vida e a de todos a seu redor despertou uma paixão a primeira vista. Li a novela em um hotel familiar na Avenida de Mayo, em Buenos Aires, durante a montagem do *LUA*, e não pude deixar de pensar nela nos cinco anos seguintes.

Cinco anos foi o tempo necessário para percorrer o caminho desde a aquisição dos direitos para adaptação ao cinema à cópia final. Mais adiante, nesta mesma publicação, vamos dar mais detalhes sobre este processo.

No momento em que escrevo estas linhas, *CONCERTO* já percorreu diversos caminhos: participou de festivais de cinema no Brasil e exterior, foi exibido nos cinemas do país, está na programação da televisão por assinatura e se prepara para chegar à televisão aberta. Mas, dentre tantos públicos, o contato com os estudantes é um dos mais estimulantes. Foi o que pudemos vivenciar nos programas A ESCOLA VAI AO CINEMA que realizamos em Pelotas, cidade sede das filmagens, e Porto Alegre.

CONCERTO desperta grande empatia no espectador, a quem dedico o melhor dos meus esforços. A arrebatada história de amor do Major Eleutério Fontes pela música só encontra paralelo no amor proibido que une sua filha Clara Victória ao Maestro. Ambos despertam reações entusiasmadas da platéia. A qualidade da produção dá uma

dimensão bastante precisa da época em que a história está ambientada e gera muitas curiosidades. *CONCERTO CAMPESTRE*, além do aspecto dramático, passou a ser o principal documento visual sobre o Ciclo das Charqueadas.

Quando desestimulado pelas grandes dificuldades que projetos desta ordem propõem, costumo pensar que filmes como *NETTO PERDE SUA ALMA*, *ANAHY DE LAS MISIONES*, *LUA DE OUTUBRO* e *O QUATRILHO*, apenas para citar alguns ao lado de *CONCERTO CAMPESTRE*, cumprem uma função além do espetáculo cinematográfico ao se constituírem em chaves da compreensão da identidade do nosso povo. A ampla utilização dos mesmos pelos responsáveis pela formação das novas gerações, os educadores, é a prova mais cabal desta verdade.

Por estas razões, depois de participar de duas sessões comentadas de *CONCERTO CAMPESTRE* em anos subseqüentes no Curso de História da FACOS - Faculdade Cenequista de Osório, recebi com entusiasmo o projeto de desenvolvimento de uma proposta para trabalhar o filme em sala de aula. O resultado superou as expectativas pela criatividade e ousadia. A publicação desta segunda edição da revista com o apoio da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, representa um passo importante para construir formas contemporâneas de aplicar materiais audiovisuais na educação.

Como artista dedicado ao cinema, desde sempre obra coletiva, considero como membros da nossa equipe estes bravos educadores que nos permitirão levar *CONCERTO CAMPESTRE* a todos os rincões do Rio Grande, formando o público que o cinema brasileiro precisa e ajudando a construir no imaginário de tantos jovens gaúchos a nossa identidade cultural.



Foto da Filmagem de Concerto Campestre